

Prólogo

O público ocupa uma semi-arena sobre o palco do teatro. Quando entra, o público já encontra Juvenal em cena. Ele está sentado à beira do palco, de costas para o público, contemplando a plateia vazia do teatro. Assim ele permanece por um tempo, aguardando a chegada de alguém. Aos poucos, começa a perceber a presença das pessoas. Quando todos já estão em seus lugares, ele levanta-se e olha em várias direções. Ele dirige-se ao público.

Juvenal: Eu sei o que vocês estão fazendo aqui... Só a Pita ainda não chegou.
(ATMOSFERA DE EXPECTATIVA. JUVENAL VAI ATÉ UMA LATERAL DO PALCO, DE ONDE TRAZ SEU VELOCÍPEDE)

Cena 1

Juvenal: A Pita não vai acreditar quando eu mostrar isso aqui pra ela: o meu velocípede! Ele me foi dado pelo meu tio. Meu tio morava num lugar muito, mas muito distante, e só lá de vez em quando a gente tinha notícias dele. Ele era um homem sério, mas de bom coração. Poucas vezes lembro-me de tê-lo visto sorrir. Ele era barbudo e careca. A barba ruiva dele descia num espiral até o chão. Ele não gostava muito de conversar com as pessoas. Vivia lá no mundinho dele. E lá ele parecia muito feliz. Ele tinha uma oficina onde ele fazia coisas incríveis. Uma vez ele construiu um balão submarino. Que ele até tentou usar pra pescar peixe voador, mas não deu muito certo, eles preferiram usar o balão pra voar mais alto. Teve uma vez que ele chegou a construir um barco que flutuava no ar. O barco acabou naufragando no primeiro vendaval que enfrentou. Ele fez também uns soldadinhos de madeira que falavam. (REPRODUZ A SONORIDADE DO IDIOMA, COMO ELE O PERCEBIA QUANDO CRIANÇA) Eles falavam mandarim. Só mandarim. Ninguém na minha família falava mandarim. Os soldadinhos foram ficando mudos, nem entre si eles conversavam mais. Até que um dia pararam de falar. Numa outra ocasião, ele construiu uma pipa que voava a cem quilômetros por hora. Mas ele acabou multado por excesso de velocidade. Depois disso tudo, vocês já podem deduzir que foi ele mesmo, com as suas próprias mãos, quem construiu esse velocípede. Pra mim! E fui eu que o montei, sozinho!

(ANDANDO NO VELOCÍPEDE, JUVENAL IMITA A FALA DA AVÓ)

Avó: Juvenal! Juvenal! O que é que você está fazendo? Para de brincar e vem até aqui, menino! O seu tio deixou uma coisa aqui pra você!

Juvenal: Um dia a minha avó me entregou uma caixinha muito pequena e me disse que era um presente do meu tio. Eu abri a caixinha e dentro dela estava tudo que eu precisava pra montar o meu velocípede. (ABRE UM GIGANTESCO MANUAL DE INSTRUÇÕES SOBRE O CHÃO) Manual de instruções, todas as ferramentas, todas as peças: selim, guidão, garfo, quadro, farol, buzina, retrovisor, mesa, cassete, pedivela, freios, manetes, sapatas, corrente, pedais, manoplas, pneus, câmbio dianteiro, câmbio traseiro e até a caramanhola! Eu comecei a ler aquele quebra-cabeças e logo meu

JUVENAL, PITA E O VELOCÍPEDE

Texto de Cleiton Echeveste

velocípede estava pronto. Durante muito tempo, ele foi meu brinquedo predileto. Mas depois meu velocípede sumiu. Durante muito tempo eu fiquei sem saber o seu destino. Eu moro numa casa que pertenceu ao meu tataravô, que depois foi do meu tataravô, que depois foi do meu bisavô, que depois foi do meu avô, que depois foi do meu pai e que agora é a minha casa. Um dia, eu estava lendo quando eu escutei o barulho de um telefone tocando. E o telefone não parava de tocar. Eu fui atrás daquele barulho e acabei chegando à casinha lá no fundo do fundo bem fundo do quintal. Eu abri a porta... e entrei. Lá eu avistei uma escada, que eu nunca tinha percebido antes. Uma escada que subia em caracol. O telefone não parava de tocar. Eu comecei a subir. E continuei subindo, subindo, subindo por muito tempo. Até que eu cheguei a uma portinha, uma portinha muito pequena. O barulho do telefone vinha lá de dentro. Eu entrei devagarinho. O telefone parou de tocar. Foi ali que eu reencontrei aquela mesma caixinha. E o resto vocês já sabem. Foi só seguir o manual de instruções, do mesmo jeito que eu tinha feito tempos atrás. E aqui está o velocípede que há tanto tempo eu não via. A Pita vai adorar revê-lo. Ela adorava o meu velocípede. Nós dois brincávamos muito com ele.

(RETOMA A BRINCADEIRA COM O VELOCÍPEDE, REMEMORANDO AS BRINCADEIRAS COM PITA)

Cena 2

Juvenal: Estou aqui conversando com vocês há um tempo e ainda nem me apresentei. Meu nome é Juvenal Mariano Plácido Platão. Na verdade, meu nome é Juvenal Mariano Plácido. Platão é por minha conta. Um dia minha mãe chegou à maternidade cheia de dor. No mesmo dia que eu estava pra nascer acontecia a grande final do campeonato municipal de futebol. O médico estava tão ansioso que na sala de cirurgia tinha uma TV ligada no jogo.

(O PRÓPRIO JUVENAL ASSUME AS VOZES DA MÃE E DO MÉDICO)

Mãe: Ai doutor! Ai doutor! Ai doutor!

Médico: Respira... Chuta! Respira... Chuta! Respira... Chuta!

Juvenal: Até que, aos 45 minutos do segundo tempo, é marcado um pênalti a favor do nosso time.

Médico: Vai, Juvenal! Marca esse gol pra gente!

Juvenal: Juvenal era o maior artilheiro de todos os tempos. Era um ídolo em toda cidade.

Mãe: Ai doutor!

Médico: Respira... Chuta!

(JUVENAL NARRA O MOMENTO DO SEU NASCIMENTO ATRAVÉS DE UMA PANTOMIMA)

Juvenal: E a partir daquele dia eu passei a me chamar Juvenal. Eu saía da barriga da minha mãe no mesmo momento em que a bola entrava no gol. Juvenal. Mariano, por causa da minha mãe. Plácido, por causa do meu pai. E Platão porque na minha casa tinha uma estante de livros muito grande. E lá no alto, no topo da estante, tinha um livro imenso, com letras douradas, onde estava escrito: “Platão”. Eu tentei subir numa cadeira, mas a estante era muito alta. Tentei apanhar uma escada, mas ainda assim não conseguia, a estante era alta demais. Ou eu era alto de menos. Eu pensava: “Esse tal Platão deve ter sido alguém muito importante.” E a partir desse dia eu decidi me chamar Juvenal Mariano Plácido Platão.

Cena 3

Juvenal: Cadê a Pita? Ela sempre com essa mania de se atrasar. Eu gostava muito do meu velocípede, e gostava ainda mais porque ele me levava a qualquer lugar que eu quisesse ir. Eu ajeitava meu velocípede... (DANÇA ENQUANTO PREPARA-SE PARA SAIR NO SEU VELOCÍPEDE, COLOCANDO SEU EQUIPAMENTO) E ia pra rua. Passava por carros, passava por baixo de ônibus, de caminhões, atravessava o parque da cidade, dava voltas no estádio de futebol, até que um dia eu cheguei à praia. Aí eu comecei a andar por cima da água. Até que um dia... eu cheguei à África. Eu desviava de vários bichos: de elefante, girafa, de macaco, de gorila, de urso polar, de mosquito, de barata, de percevejo, gafanhoto, tiranossauro Rex, velociraptor, mamute, unicórnio, hipogrifo, centauro, mula-sem-cabeça, curupira, boitatá, dragão... E seguia pedalando. Até que, a certa altura, eu cheguei a uma ilha. Parei para descansar um pouco. E estacionei o velocípede debaixo de um grande ajueiro. (DESCANSA NO PRÓPRIO VELOCÍPEDE E ADORMECE, MAS É ACORDADO POR ALGUÉM QUE JOGA CASTANHAS DE CAJU DO ALTO). Ei! Ei, quem é que tá fazendo isso? Para! Ô, menina, porque você está jogando isso em cima de mim? Ô, menina! Eu estou falando com você! Não tá me escutando? Você está surda? Ô, menina!!

(ELE PRÓPRIO FAZ PITA. SOBE NO CAJUEIRO E LÁ NO ALTO DEVORA CAJUS, CUJAS CASTANHAS ELA JOGA EM JUVENAL. ELA DIVERTE-SE FAZENDO ISSO. FINALMENTE, ELA DESCE DO CAJUEIRO)

Pita: Olá, eu sou a Pita!

Juvenal: Porque você estava jogando essas castanhas em mim?

Pita: Porque eu acho isso divertido. E com você então! Eu vivo rindo da sua cara.

Juvenal: Você me conhece?

Pita: Claro! Você é Juvenal, tem cinco anos de idade, tem noventa e oito centímetros, vive na casa da sua avó, ganhou um velocípede do seu tio. E é um menino muito mimado.

Juvenal: Eu não sou mimado coisa nenhuma.

Pita: Claro que você é!

Juvenal: Não sou!

Pita: Claro que você é!

Juvenal: Não sou!

Pita: Claro que você é!

Juvenal: Não sou!

Pita: Claro que você é!

Juvenal: *Grita.* Não sou!

Pita: Viu só? Você é mimado.

Juvenal: E foi assim que a gente se conheceu. Ou melhor, foi assim que eu conheci Pita.

Cena 4

Juvenal :A Pita então quis logo dar uma volta no meu velocípede. Ela montou na parte de trás e eu perguntei: pra onde você quer ir, Pita?

Pita: Eu quero ir para Brobdingnag.

Juvenal: Pra onde, Pita?

Pita: Para Brobdingnag.

Juvenal: Mas onde é que fica Brob/, Brogni/, Brodgui/

Pita: Ah, toca em frente que eu te ensino o caminho!

Juvenal: E nós fomos para Brob... pra esse lugar aí.

(SEGUE-SE UMA CENA SEM TEXTO, DURANTE A VIAGEM DE JUVENAL E PITA A BROBDIGNAG).

Cena 5

(TERMINADA A VIAGEM, JUVENAL VOLTA A SENTAR-SE NA BORDA DO PALCO, DE COSTAS PARA O PÚBLICO)

Juvenal: 30 vezes 365 vezes 24 vezes 60... 15 milhões, 768 mil. Não, eu não sou tão bom em cálculo assim. Trago esses números decor. 15 milhões, 768 mil. (VÊ AS HORAS NO RELÓGIO DE PULSO) O que são (*minutos já decorridos do espetáculo, em tempo real*) minutos de atraso pra quem já esperou 15 milhões, 768 mil minutos? (FALA DIRETAMENTE A ALGUÉM DA PLATEIA) Você já esperou por alguém todo esse tempo? A Terra teve tempo de percorrer uma distância de 27 bilhões, 900 milhões de quilômetros ao redor do Sol. Eu dormi e acordei 11 mil, 160 vezes. Sempre querendo muito reencontrar Pita. Sempre sentindo um vazio enorme, do tamanho do Oceano Atlântico. (VAI ATÉ O MANUAL DE INSTRUÇÕES E FINALMENTE FECHA-O, GUARDANDO-O NOVAMENTE DENTRO DE UMA CAIXA JUNTO AO VELOCÍPEDE. JUVENAL APANHA UMA PEQUENA GARRAFA COM ÁGUA, QUE TRAZ JUNTO AO VELOCÍPEDE. ELE BEBE) 21 mil e 900 litros é a quantidade de água que bebi.

Cena 6

Juvenal: (FALANDO DIRETAMENTE AO PÚBLICO) Então quer dizer que a Pita marcou um encontro aqui com todos vocês. Eu não sabia que ela conhecia tanta gente assim. Ela é que ainda não chegou... Eu e ela somos amigos de verdade, há muito tempo. Vocês certamente não tem tantas histórias pra contar sobre a Pita quanto eu tenho. Afinal, a gente está falando de uma amizade de mais de trinta anos, não de uma amizade instantânea. Vocês são mesmo amigos dela ou só conhecidos? Pessoas de quem talvez ela nem lembre o nome? Mas não deixa de ser uma surpresa encontrar todos vocês aqui. (ABORDA DIRETAMENTE ALGUMAS PESSOAS DA PLATEIA) Você conhece a Pita de onde? Faz tempo que vocês se conhecem? Você está esperando por ela há muito tempo? (IMPACIENTE, NÃO DEIXA UMA PESSOA RESPONDER) Tudo bem, você pode falar. Eu não tenho ciúmes da Pita. Imagina! Eu, Juvenal Mariano Plácido Platão com ciúmes! Pra ser muito sincero, eu achava que este seria um encontro só meu e dela, mas pelo visto ela queria encontrar todos nós ao mesmo tempo. Deve haver algum motivo pra isso. Que eu não sei qual é, mas deve haver. Por mim, sem problemas! Lembrei de uma coisa importante. Eu trouxe um presente pra ela. Vocês trouxeram um presente pra Pita? Não? E ainda se dizem amigos dela... (ABRE UMA CAIXA NA PARTE TRASEIRA DO VELOCÍPEDE MAS DESISTE E FECHA-A) Mas eu não vou arruinar a surpresa, não. Nem de vocês, muito menos dela.

Cena 7

Juvenal: Eu e a Pita viajavamos muito. Nós fomos pra Lapônia, pra Lilliput, pro Reino das Águas Claras, pra Pasárgada. E lá a gente até ficou amigo do rei. A gente foi pra Maracangalha. Mas o melhor mesmo foi quando nós fomos pra Tonga da Mironga do Cabuletê! Nós brincávamos na casa dos meus avós. Lá nós encontramos os meus primos. Nós corríamos por todos os cantos da casa. Depois a gente ficou horas na piscina de plástico da minha tia, os dedos das mãos enrugados. Até que uma hora a minha prima mais velha apareceu e disse:

(JUVENAL ASSUME A VOZ DA PRIMA)

Prima : Nós vamos fazer um concurso de dança com todos os netos da minha avó e do meu avô, ouviu, Juvenal?

Juvenal: Eu não quero, eu não vou dançar. E eu me escondia lá na despensa da minha avó.

Pita: Vem, Juvenal! Vem, Juvenal!

Juvenal: (ESCONDIDO DENTRO DA “DESPENSA”) Eu não vou, Pita! Eu não quero, eu não vou dançar. Você sabe que eu não gosto de dançar na frente de todo mundo.

Pita: Deixa de besteira, Juvenal! Deixa de besteira! Você sabe dançar. Tem aquela dança que a gente faz. Vem, mostra pras pessoas.

Juvenal: (AINDA ESCONDIDO) Eu não vou, eu não quero, eu não vou, eu não quero!

(PITA NÃO RESPONDE NADA. JUVENAL SAI DA “DESPENSA” E DEPARA-SE COM PITA, QUE O EMPURRA PRA DENTRO DA SALA)

Juvenal: Não, Pita! Não!!!

(JUVENAL DEPARA-SE COM FIGURAS DA FAMÍLIA, TODOS ELES PARTE DA PLATEIA)

Juvenal: Oi, vô. Oi, vô. Pai, mãe. Oi, prima mais velha! Tudo bem, eu vou dançar. Pode colocar a faixa dois do lado B do disco.

Cena 8

(A CONTRAGOSTO, JUVENAL COMEÇA A FAZER UMA DAS SUAS DANÇAS ESQUISITAS, COMO SE SEU CORPO TIVESSE VONTADE PRÓPRIA E AGISSE À SUA REVELIA. DEPOIS DE ALGUM TEMPO, A MÚSICA PARA E AS LUZES SE APAGAM. ENQUANTO JUVENAL FALA, AS LUZES PISCAM E GRADUALMENTE VOLTAM AO NORMAL)

Juvenal: O que foi que aconteceu? Porque parou? Pita? Oi, porque apagaram a luz? Ei! Pita! Deve ter sido você. Já chegou, né? Cadê você? Pita, cadê você? Que estranho! Vocês viram a Pita? Apagaram a luz. Pita! Naquele dia, eu paguei o maior mico na casa da minha avó. Mas no dia seguinte a gente foi pra minha casa, afastamos todos os móveis, tiramos os tapetes da sala e resolvemos fazer o maior concurso de dança de todos os tempos. (DISTRIBUI PEQUENAS LANTERNAS PARA O PÚBLICO) Segurem essas lanternas. Quando eu pedir, vocês ligam as lanternas, combinado? Ah, tem uma coisa importante. A gente tinha uma música que abria o programa, o concurso de dança. Era assim... (CANTA)

Pata peta pita
Pata peta pita
Pata peta pita pum
Pata peta pita
Pata peta pita
Pata peta pita pum
Pa pum pa pum pa pum pa pum
Pata peta pita pum
Pa pum pa pum pa pum pa pum
Pata peta pita pum

(JUVENAL ENSINA A PLATEIA A CANTAR A MÚSICA, ATÉ TODOS CANTAREM JUNTOS)

Juvenal: Agora acendam as lanternas! Isso! Música! Fumaça!
Ladies and gentlemen! E agora com vocês o maior concurso intergaláctico de danças estranhas de todo o universo. E com vocês na pista de dança os maiores, os melhores, os maiorais, Juvenal Mariano Plácido Platão e Pita.

(JUVENAL INICIA SEU DUETO COM PITA, EXECUTANDO OS MOVIMENTOS MAIS BIZARROS. AO FINAL, ELES AGRADECEM OS APLAUSOS)

Cena 9

Juvenal: Nós éramos os melhores bailarinos, os mais fantásticos dançarinos de todo o universo. A gente se divertia muito. Caramba, eu perdi a noção do tempo. Que horas são? Acho que o meu relógio tá erradol. *(Aguarda resposta do público)* Já se passou esse tempo todo? E a Pita até agora nada! A Pita sempre teve esse costume. Ela sempre se atrasa! Tudo bem, eu também me atrasei um dia. Mas não como ela. Ela não tinha nenhuma paciência quando alguém se atrasava. Ela era muito geniosa. E se irritava fácil. Se alguém era contrário ao que ela queria, ela se transformava.

(DEMONSTRA A TRANSFORMAÇÃO DE PITA)

Pita: Quem está me contrariando?!

Juvenal: O cabelo dela ficava com uns cinco metros de comprimento. Do seu cabelo saíam raios, estrelas, relâmpagos, trovões! Eu caía na gargalhada e ela ficava mais furiosa ainda. Ela ficava com dez, quinze, vinte metros de altura. E o cabelo arrepiado dela cobria a terra inteira, dava voltas e mais voltas.

Pita: Não ri de mim! Eu vou te pegar. Você vai se dar mal, Juvenal!

Juvenal: E eu ria mais ainda. Ela ficava verde, amarela, azul, roxa, ficava de todas as cores.

Cena 10

Juvenal: Mas o melhor era quando chegava a hora da nossa brincadeira predileta: se pendurar no caminhão do lixo. A gente fazia o seguinte: tinha um caminhão do lixo que passava dia sim, dia não na minha rua. A gente ficava lá no alto da rua. Bem no alto mesmo. (SOBE NO ASSENTO DO VELOCÍPEDE) Eu e a Pita ficávamos esperando o caminhão do lixo aparecer. Ficávamos a postos. Até que o caminhão aparecia. Ele dava umas voltas, entrava numa rua, subia, descia, dava um looping, descia em zigue-zague, subia em espiral, e ia lá embaixo, perto da praia. E quando a gente achava que ele não vinha mais... Ele voltava e vinha com toda velocidade. E ia chegando cada vez mais perto, mais perto, mais perto, até que passava pela gente. Nós montamos no velocípede e fomos atrás do caminhão. E o mau cheiro. A gente aproveitava pra soltar todos os peidos que a gente queria. Ninguém ia reclamar do cheiro. A gente saltava e se dependurava no caminhão. E a gente voava, voava, voava. Até que a gente saltava do caminhão e ele ia embora. A rua era pequenamente grande, e os minutos eram horas. Mas teve um dia em que eu me atrasei. Pita estava na esquina me esperando. Ela não quis descer de velocípede. Eu tava lá em cima, na minha casa. (PARA PITA) Calma, Pita! (DIALOGA COM A MÃE) Tá, mãe! Tudo bem, mãe! Eu já vou ajeitar o meu quarto. Hum-hum... Mãe, o caminhão. Sim, mãe, tá, tudo bem. Hum-hum, sei.

Pita Vem, Juvenal!

Juvenal: Eu já vou, Pita! (VOLTA A FALAR COM A MÃE) Tudo bem, mãe, tá legal. Eu arrumo depois. O caminhão! O caminhão já vinha lá embaixo. Vinha a toda velocidade. E a Pita já tava lá toda irritada!

Pita: Vem, Juvenal!!!

Juvenal: Eu deixei o velocípede de lado e comecei a bater na minha barriga. Ela começou a inchar, a inchar, a inchar, até que... Eu soltei o maior pum de todos os tempos. Provoquei um terremoto. Assustada, minha mãe se protegeu embaixo da mesa da cozinha. A casa toda estremeceu. A vizinhança saiu das suas casas pra ver o que tinha acontecido. Pita? Pita. Pita! Eu tinha ficado pra trás, e Pita saiu correndo atrás do caminhão. Pita, me espera! Eu e ela correndo atrás do caminhão. E ela pulou, e ela começou a voar. Ela voou, voou, voou, até que ela se agarrou ao caminhão.

Pita: Vem, Juvenal!

Juvenal E quando eu estava quase pegando a mão dela, o caminhão deu uma acelerada. E a Pita deu uma cambalhota e caiu sentada, em cima do caminhão do lixo. E o caminhão se foi. Eu só tive tempo de ver a Pita dando uma gargalhada maravilhosa. E eu fiquei ali sozinho. Aos meus dez anos de idade. Um metro e quarenta e oito. Um metro e quarenta e nove. Um metro e cinquenta. Um metro e cinquenta e cinco. Um metro e cinquenta e sete. Um metro e cinquenta e oito vírgula cinco. Um metro e sessenta e meio. Um metro e sessenta e três vírgula quatro. Um metro e sessenta e cinco vírgula oito. Um metro e sessenta e seis. Um metro e setenta e um. Um metro e setenta e dois. Um metro

JUVENAL, PITA E O VELOCÍPEDE

Texto de Cleiton Echeveste

e setenta e cinco. Um metro e setenta e seis. Um metro e setenta e sete. Um metro e setenta e oito. Uma foto. Eu tenho uma foto da Pita. Onde é que está?

(JUVENAL APANHA SEU CELULAR DO BOLSO DA CALÇA)

Juvenal: Desculpa, gente, eu achei que tinha desligado! (LÊ A MENSAGEM) Eu tenho duas notícias pra dar pra vocês, uma boa e uma ruim. A notícia ruim é de que a Pita não vem. A notícia boa é que ela vem amanhã. Se vocês quiserem vir amanhã também, vocês podem voltar. Quanto a mim, eu agora preciso ir. E como não deu tempo de vocês me contarem como foi que vocês conheceram a Pita, voltem amanhã. Daí amanhã, enquanto a gente espera – já que a espera é certa! Vocês sabem como a Pita é... – vocês me contam essas histórias. Hoje vocês me conheceram. Amanhã eu posso escutar as histórias de vocês e conhecer vocês também. Bom, eu vou deixar tudo aqui. (FALA COM O PESSOAL DA CABINE, QUE RESPONDE A ELE) Obrigado ao pessoal aqui do teatro que liberou o local pro meu encontro com a Pita. Eu vou deixar tudo do jeito que está, OK? Ah! (APANHA A CAIXINHA COM O PRESENTE DE PITA E MOSTRA-O PARA O PÚBLICO. É UM PEQUENO BRINQUEDO DE CORDA, UM MENINO NO SEU VELOCÍPEDE) E amanhã vai ser como sempre foi: Juvenal, Pita e o velocípede.

FIM

Rio de Janeiro, junho de 2015]

Obs.

Este texto foi retirado do site do CBTIJ - Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e Juventude. Lembramos que qualquer montagem, profissional ou amadora, desse texto, requer a autorização do autor, ou da entidade detentora de seus direitos autorais.

Contato CBTIJ: cbtij@cbtij.org.br

Contato Autor: pandorgaciadeteatro@gmail.com